

# DIALÉTICA E ANTINOMIA\*

Carlos R. V. Cirne Lima\*\*

**SÍNTESE** – A estrutura das antinomias lógicas, redescobertas e reformuladas por Frege e Russell no começo do século XX, consiste num movimento circular que é, ao mesmo tempo, autreflexivo e negativo. Surge, aí, um perpétuo oscilar entre o Sim e o Não, em certos casos, entre verdade e falsidade. Os Lógicos resolvem o problema pelas distinção de tipos ou níveis linguagem. Alguns filósofos – Kulenkampff, Kesselring, Wandschneider – pensam ter aí encontrado o mecanismo central que move a Dialética. Procura-se aqui mostrar que estão, pelo menos em grande parte, equivocados. Dialética é algo bem mais simples e mais amplo.

**ABSTRACT** – The structure of the logical antinomies rediscovered and reformulated by Frege and Russell at the beginning of our century consists of a circular movement which is at the same time autoreflexive and negative. A perpetual oscillation between Yes and No there appears, in certain cases, regarding truth and falsity. The logicians solve the problem by the distinction of types or levels of language. Some philosophers, like Kulenkampff, Kesselring and Wandschneider, think they have there found the central mechanism moving Dialectics. In this paper, the author tries to show that they are wrong, at least to a great extent. Dialectics is something simpler and has a greater range.

## 1 – A Lógica da estrutura antinômica

As antinomias lógicas, conhecidas desde a antigüidade, eram vistas e tratadas pelos filósofos como pequenos monstros existentes em longínquos territórios à margem do mundo da Razão. Tais monstregos sempre existiram na Natureza e foram, especialmente na Idade Média e na Renascença, objeto de curiosidade. Gigantes, anões, terneiros com duas cabeças e similares eram colecionados e expostos no assim chamado "gabinete de curiosidades". As antinomias lógicas, de início, não eram muito mais que isso para os filósofos.

Todos conheciam a antinomia do Cretense Mentiroso: "*Um cretense diz: todos os cretenses são mentirosos*". Se todos os cretenses mentem, e se isso está sendo dito por um cretense, então isso é uma mentira. Sendo mentira, não é verdadeiro. Logo, não é verdadeiro que todos os cretenses sejam mentirosos. Por conseguinte, é verdade que alguns cretenses dizem a verdade. Mas se isso é verdade, e se este cretense, o que está falando, está dizendo a verdade, então o que ele diz é verdade. Aí é verdade que os todos os cretenses são mentirosos. Mas se é verdade que to-

\* Este trabalho está sendo publicado também como capítulo do livro *Dialética Para Principiantes*, Edipucrs, Porto Alegre 1996.

\*\* Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da PUCRS.

dos os cretenses são mentirosos, então também este cretense está mentindo. Mas, se ele está mentindo, então não é verdade que os cretenses sejam mentirosos. Logo, os cretenses falam a verdade. E assim por diante. O ouvinte é jogado da verdade para a falsidade e, de volta, da falsidade para a verdade, num movimento que não acaba mais.

A estrutura lógica da antinomia do Cretense, em sua formulação antiga, foi muito discutida e estudada desde a antiguidade. Na Idade Média, Petrus Hispanus e Paulus Venetus se ocuparam longamente com ela. Paulus Venetus chega a apresentar um elenco de 14 soluções que à época foram propostas para solucionar o problema. No século XX a questão é retomada; formula-se, então, a antinomia do Super-Mentiroso, que é logicamente mais dura que a antinomia em sua formulação antiga. O Super-Mentiroso, antinomia no sentido estrito, apresenta uma estrutura lógica que nos faz oscilar, sem outra saída, entre verdade e falsidade: se  $p$  é verdadeiro, então  $p$  é falso, se  $p$  é falso, então  $p$  é verdadeiro. Quem entra numa estrutura antinômica desse tipo fica prisioneiro dela e não consegue mais sair. A verdade o joga para a falsidade, e a falsidade o joga de volta para a verdade, num movimento que nunca termina.

Se a questão das antinomias se restringisse à antinomia do Cretense Mentiroso e a uma que outra antinomia a mais, não haveria, talvez, problema maior para a Lógica e para a racionalidade da razão. Monstregos bizarros e esdrúxulos, como se vê na Natureza, sempre existiram. Se eles não ocorrem em grande número, se ficam à margem, podem ser ignorados. O problema surge quando se verifica que não se trata de um fenômeno isolado à margem do mundo racional, mas sim de algo bem central, de algo que afeta conceitos fundamentais da Lógica e da Matemática e, assim, da Filosofia em geral. Essa virada, em que o fenômeno das antinomias sai da periferia e entra no centro das atenções, acontece com Frege e com Russel, já no século XX, e vai marcar profundamente a concepção contemporânea de racionalidade.

Frege, ao montar a fundamentação da Matemática através da Lógica, distingue e utiliza vários conceitos básicos. Existem coisas ou objetos, existem classes que contêm objetos, existem também classes que contêm, não objetos, mas sim classes. Surge assim, bem no núcleo duro da argumentação de Frege, o conceito de classe que contém classes e, bem no ápice, o conceito da classe que contém todas as outras classes. Até aqui, tudo bem. Esta estrutura piramidal em que os conceitos se ordenam e hierarquizam é algo bem conhecido dos lógicos desde Platão e dos filósofos neoplatônicos, especialmente desde Porfírio. A novidade, a grande novidade e o grande problema consiste no seguinte: existem classes que se contêm a si mesmas e existem também classes que não se contêm a si mesmas. Por exemplo, substantivo é uma classe e é, ao mesmo tempo, algo que está contido nessa classe; pois o termo substantivo é, ele próprio, um substantivo. Isso existe e nisso não surge nenhum problema; trata-se de uma classe que se contém a si mesma. A questão surge quando se constrói – e Frege precisava disso para fazer a fundamentação da Matemática – o conceito da classe das classes que não se contêm a si mesmas. Uma tal classe pertence à classe das que se contêm a si mesmas ou à classe das que não se contêm a si mesmas? Se ela pertence à primeira, então ela pertence à segunda; se ela pertence à segunda, então ela pertence à primeira.

E assim ao infinito. Afinal, ela pertence a qual classe? Não há resposta; a oscilação entre sim e não leva ao infinito e paralisa o pensamento. Bertrand Russel localizou o problema e chamou a atenção de Frege para ele: a classe das classes que não se contém a si mesma é um conceito antinômico. Esta classe se contém e não se contém a si mesma. Sim e não oscilando, um remetendo ao outro, um se baseando no outro, um pressupondo o outro, sem jamais parar. Eis a primeira grande antinomia elaborada e estudada com rigor na Filosofia contemporânea.

Em cima da antinomia da Classe Vazia Russel constrói a assim chamada Antinomia da Verdade, que a rigor devia ser chamada de Antinomia da Falsidade. Ela consiste na seguinte proposição: (*p*): *Esta proposição p é falsa*. Se esta proposição é verdadeira, então ela é o que é, ou seja, ela é falsa. Mas, se ela é falsa, então ela é verdadeira, pois ela está a dizer que ela é falsa. Ou seja, a verdade de *p* implica a falsidade de *p*, e, vice versa, a falsidade de *p* implica a verdade de *p*. Surge assim o movimento de oscilação entre verdade e falsidade sem que nunca se chegue a bom termo.

As antinomias têm que ser resolvidas. Não se pode dizer sim e não ao mesmo tempo. Não se pode dizer e, ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto, desdizer-se. O princípio de não-contradição não pode ser negado sob pena do colapso total da racionalidade. Para resolver a questão das antinomias foi então proposto, bem no começo, que se proibisse a construção de conceitos e proposições que fossem autoflexivos, isto é, auto-referentes (*selbstbezüglich*). Esta proibição geral de utilizar construções autoflexivas encontrou guarida em muitos bons autores, como, por exemplo, I. M. Bochenski e Albert Menne. Ludwig Wittgenstein, no *Tractatus*, assume e defende a proibição dura de fazer a autoflexão. Ao acrescentar entre parênteses, entretanto, neste lugar, "temos aí toda a Teoria dos Tipos", Wittgenstein não faz justiça ao pensamento de seu mestre Bertrand Russel, que propõe uma teoria bem mais sofisticada e mais correta.

A proibição da fazer a auto-referência resolve, sim, a questão das antinomias, pois sem auto-referência de fato não surgem antinomias. Só que o remédio é forte demais; ele cura a doença, sim, mas mata o paciente junto. Se levamos a sério a proibição geral de autoflexão, uma tal proibição radical destrói muitos conceitos que são importantes para a Filosofia, como, por exemplo, o conceito de autoconsciência. A proibição de auto-referência, tomada como um princípio duro e geral, é inviável por desqualificar conceitos cientificamente indispensáveis; mais, ela é impossível porque a própria linguagem natural em sua estrutura é auto-referente. A gramática da Língua Portuguesa não precisa ser escrita, como antigamente se fazia, em Latim, ela pode perfeitamente ser escrita em Português; o Português é aí auto-referente. Mas se a auto-referência não pode ser proibida, o que fazer para evitar as antinomias?

Abandonada, por impossível, a idéia de uma proibição geral de fazer auto-referências, o primeiro grande avanço na discussão contemporânea sobre a solução das antinomias lógicas é, sem dúvida, a Teoria dos Tipos proposta por Bertrand Russel. Com a finalidade específica de evitar antinomias do tipo da antinomia do Mentiroso, da antinomia da Classe Vazia e da antinomia da Verdade, Bertrand Russel introduz a distinção de tipos, ou seja, de níveis lógicos. Num primeiro nível há a verdade, em um segundo nível se situa a falsidade. Verdade e falsidade coexistem,

sim, mas em níveis diferentes. Salva-se assim a racionalidade, cumpre-se assim o que é determinado pelo princípio de não-contradição. Foi feito por Sir Bertrand exatamente aquilo que o venerando princípio manda: se surge contradição, é preciso fazer as devidas distinções. Russel, no caso das antinomias, que possuem um sujeito logicamente autoflexivo, introduz, não aspectos lógicos de um mesmo sujeito lógico estático, mas um sujeito lógico que se movimenta passando por níveis ou tipos diferentes. A solução é simples e brilhante. Penso que Wittgenstein, quando escreveu o *Tractatus*, não havia captado o núcleo forte da solução proposta por Bertrand Russel. Tarski, sim, captou o ponto importante da Teoria dos Tipos e, em cima dela, elaborou a teoria por todos conhecida dos diversos níveis lógicos existentes em cada linguagem. Há um nível zero, onde estão as coisas; há um primeiro nível de linguagem, em que os termos não são coisas, mas sim remetem a coisas existentes no nível zero; há ainda um segundo nível em que os termos remetem, não a coisas, mas a termos existentes no primeiro nível; há um terceiro nível em que os termos se referem só a termos no segundo nível. E assim por diante. No nível zero existe a mesa que é uma coisa; no primeiro nível a palavra mesa; no segundo nível se diz que mesa é um substantivo, etc. A explanação de Tarski deu à Teoria dos Tipos de Bertrand Russel um conteúdo lingüístico específico e lhe tirou o caráter de teoria feita somente *ad hoc*, somente para resolver a questão das antinomias. Com a teoria sobre os níveis de linguagem de Tarski fica claro por que, se passamos de um nível de linguagem para outro sem a devida atenção, surgem problemas.

Muitos lógicos contemporâneos voltaram a debruçar-se sobre o problema das antinomias. Todos continuam na trilha aberta por Russel e por Tarski. A solução em princípio é sempre a mesma: o sim e o não não são afirmados no mesmo nível, ou seja, sob o mesmo aspecto. Trata-se de níveis diversos, de aspectos diferentes. A oscilação entre sim e não, entre verdade e falsidade, típica da estrutura das antinomias, encontra uma explicação racional porque o sim e o não moram em níveis diferentes. Assim o princípio de não-contradição não é negado. Muito pelo contrário, foi feito exatamente aquilo que ele manda fazer; foi feita a devida distinção de aspectos. U. Blau, num trabalho de 1985, distingue seis níveis lógicos, cada um com determinado valor de verdade. A proposição antinômica, segundo Blau, tem os seguintes valores de verdade: verdadeiro, falso, neutro, aberto, não verdadeiro e não falso. Verdade e falsidade são os valores de verdade usualmente empregados. O valor de verdade neutro aplica-se, segundo Blau, a contextos vagos e àqueles sem sentido. O valor de verdade aberto aplica-se a regressos e progressos *ad infinitum*. O valor de verdade não verdadeiro deixa em aberto se uma proposição é falsa ou neutra. O valor de verdade não falso deixa em aberto se a proposição é verdadeira ou neutra. Vê-se aqui a sofisticação a que foi levada a teoria inicial que distinguia apenas dois ou três níveis diversos. A antinomia, segundo Blau, rola de um nível para o outro, de um valor de verdade para o outro. A grande vantagem da teoria proposta por Blau é que a proposição antinômica em cada nível possui um único valor de verdade. Não há verdade e falsidade no mesmo nível. Nunca se diz sim e não ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto.

## 2 – A estrutura antinômica e a Dialética

A discussão entre os lógicos sobre a estrutura das antinomias perpassa todo o século XX: Frege, Bertrand Russel, Bochensky, Tarski, Blau e muitos outros participaram do debate. É natural que filósofos interessados em Dialética se voltassem para este tema tão discutido entre os lógicos e que apresenta um fenômeno tão intrigante. Há estruturas lógicas em que verdade e falsidade se implicam mutuamente; há estruturas em que ocorre uma oscilação entre verdade e falsidade, entre o sim e o não. Isto não é Dialética? Dialética não é exatamente isto? Não é na estrutura antinômica que reside o núcleo lógico de toda e qualquer Dialética? A questão da Dialética assim formulada, colocada no horizonte da discussão lógica sobre as antinomias, surge bem ao natural. Hegel já havia dito que a antinomia é a maneira privilegiada de apresentar a verdade. A antinomia a que Hegel se refere é aquela que é elaborada e exposta por Kant na *Dialética Transcendental*. Antinomia, agora, no século XX, é algo muito bem definido, é a antinomia da Classe Vazia, é a antinomia da Verdade de Bertrand Russel. É a esta que se referem os filósofos contemporâneos que pensam encontrar na estrutura antinômica um fio condutor que permite dizer o que é Dialética. A Dialética dos autores clássicos é uma antinomia lógica no sentido contemporâneo? Robert Heiss, Arend Kulenkampff, Thomas Kesselring e Dieter Wandschneider pensam que sim. Toda Dialética, dizem eles, no fundo sempre é uma antinomia. Quem quiser saber o que é Dialética tem que primeiro saber o que é antinomia. Antinômicas são as proposições que, sendo verdadeiras, são falsas; sendo falsas, são verdadeiras.

Robert Heiss não é lógico, e sim filósofo, um filósofo que passou toda sua vida perguntando o que é Dialética. O grande fruto de seu trabalho, Heiss o publica em 1931, num livro extremamente estimulante com o título *Logik des Widerspruchs*. Neste texto pouco conhecido a estrutura da Dialética é descrita e analisada sob perspectivas novas, por novos vieses, com uma agudez e uma sensibilidade que só iremos reencontrar, entre os contemporâneos, nos trabalhos de Dieter Henrich. Robert Heiss descreve e analisa diversas estruturas autoflexivas negativas, desde aquilo que hoje chamamos de contradição performativa, passando por uma belíssima releitura da dúvida cartesiana que se autodissolve, até a antinomia dos lógicos modernos em seu sentido estrito. Mas é Arend Kulenkampff o primeiro, que eu saiba, que levanta a tese – aliás sua tese de doutoramento em Frankfurt, orientada por Theodor Adorno, mas inspirada por Robert Heiss – de que a estrutura antinômica constitui o núcleo duro de toda a Dialética. Dialética, diz Kulenkampff, ou é isso, ou não é nada. Este é o tema de *Antinomie und Dialektik*, de 1970.

Alguns anos depois, em 1984, Thomas Kesselring publica o livro *Die Produktivität der Antinomien* em que retoma, com fôlego e em pormenores, a idéia de que a estrutura antinômica é o motor que faz a Dialética andar. Kesselring descreve e mapeia as antinomias, analisa sua estrutura, põe em destaque sua estrutura lógica de negação autoflexiva e tenta fazer, a partir daí, a reconstrução de alguns trechos do sistema de Hegel.

Dieter Wandschneider, em 1995, no livro *Grundzüge einer Theorie der Dialektik*, continua a elaboração da tese central de Kulenkampff e Kesselring. A Dialética

consiste basicamente na estrutura antinômica, esta consiste na oscilação entre verdade e falsidade que ocorre nas proposições antinômicas. Isso, exatamente isso é Dialética. À semelhança do que Kesselring já havia feito, Wandschneider tenta fazer, a partir de sua teoria, uma reconstrução da Lógica de Hegel. A reconstrução, partindo do Ser e do Nada, passa por quatro pares de opostos e aí termina. De viva voz ouvi de Wandschneider, em um colóquio por ele organizado em Aachen, em 1994, que a tentativa de reconstrução empacava no sexto ou sétimo par de opostos. Por quê? perguntava ele. Por que pára aqui? Por que não dá para ir adiante? Perguntas intelectualmente honestas formuladas por um intelectual honesto.

Penso que tanto Kesselring como Wandschneider têm razão em muitas coisas. Mas no principal, penso eu, erraram o tiro. Fizeram a mira para o lado errado e a Dialética em sua grandeza e flexibilidade lhes escapou. Tento esclarecer o que quero dizer.

A Dialética consiste no jogo dos opostos. Todos sabemos disso. Mas em que consiste o jogo dos opostos? Quais opostos? Contraditórios ou contrários? A Dialética desobedece ao princípio de não-contradição?

A tese de que as antinomias estão no núcleo da Dialética diz, em primeiro lugar, que os filósofos analíticos não devem exagerar e ficar exaltados na defesa do princípio de não-contradição, pois mesmo os lógicos reconhecem que, em certos casos – nas antinomias – há uma oscilação entre verdade e falsidade. Não são só os dialéticos, portanto, que desafiam o princípio de não-contradição, também na Lógica existem estruturas que parecem fugir dele. Não é, pois, de se desautorizar a Dialética, assim de saída e de modo geral. Esta é a primeira mensagem transmitida. A segunda mensagem, contida nas teses de Kesselring e de Wandschneider, diz que o verdadeiro motor da Dialética consiste na perpétua oscilação entre verdade e falsidade. Os opostos, dizem eles, oscilando sempre entre verdade e falsidade, sendo simultaneamente verdadeiros e falsos, precisam ser conciliados. É na síntese dialética que isso ocorre, afirmam eles. O movimento típico da Dialética origina-se, segundo Kesselring e Wandschneider, no movimento que há na estrutura antinômica. Qual movimento? A oscilação, sem parar, entre verdade e falsidade.

Kesselring e Wandschneider afirmam que o princípio de não-contradição não pode ser negado. Não se pode afirmar e negar sob o mesmo aspecto. Mas, alegam eles, nas antinomias ocorre um movimento em que a verdade de uma proposição implica a falsidade dela, e vice-versa. Trata-se aí de níveis diferentes de linguagem, afirmam ambos os autores. E é isso que salva a validade universal do princípio de não-contradição. A elaboração destes diferentes níveis de linguagem – os tipos de Russel, os níveis de Tarski – leva à necessidade de descrever com exatidão os níveis em pauta e a passagem de um nível para o outro. Isso é central tanto para Kesselring como para Wandschneider. Não obstante esta distinção de níveis de linguagem há em ambos os autores, afirmada com clareza, uma mistura entre os níveis diversos; há sempre uma certa superposição de níveis que eles não conseguem definir melhor. Além disso, ambos os autores empacam, na reconstrução da Lógica de Hegel, depois de alguns passos. O que houve? O que deu errado?

O principal erro nas teorias propostas por Kesselring e Wandschneider consiste, penso eu, em julgar que a oscilação perpétua entre verdade e falsidade é algo

de racional. Eles cederam à perigosa fascinação que as antinomias parecem exercer e sucumbiram ao irracional. Ser jogado da verdade para a falsidade, e vice-versa, sem jamais parar, não é algo racionalmente bom, e sim o supra-sumo da irrazão. Esse processo *ad infinitum* não é um bem, e sim um mal, não é uma síntese dialética, e sim um absurdo lógico. Ninguém pode morar racionalmente na oscilação perpétua entre verdade e falsidade, entre o sim e o não. Isso não faz o menor sentido. Isso é um absurdo total. Isso é totalmente irracional. Kesselring e Wandschneider não perceberam isso. Eles namoram o irracional. Eles não perceberam que o jogo dos opostos se faz entre contrários, não entre contraditórios. Eles sabem, é claro, que dois contrários podem ser simultaneamente falsos, mas não se deram conta que é exatamente aí e somente aí que se faz a Dialética. Eles não perceberam que os opostos na Dialética não têm estrutura predicativa e que, por isso, a síntese tem que ser feita, não pela elaboração de novos aspectos no sujeito lógico, e sim pela inserção de um novo predicado que leva em consideração a falsidade tanto de tese como de antítese e concilia ambas em novo conceito.

Kesselring e Wandschneider não se deram conta que contradições podem de fato existir, que contradições, quando existem, devem ser superadas. Eles não se deram conta que a questão das antinomias lógicas, no século XX, é resolvida exatamente através da aplicação do antigo princípio aristotélico: sempre que há contradição é preciso fazer as devidas distinções. No caso das antinomias, que são estruturas circulares, a distinção não pode ser feita só no sujeito lógico, eis que o sujeito pela ipsoflexão se repete no predicado. Os lógicos, então, não podendo fazer as devidas distinções só no sujeito, precisam fazer a distinção entre níveis de linguagem. O que foi feito? O que houve? Houve uma contradição, sim, uma contradição potenciada, e a solução foi a mesma de sempre: fazer as devidas distinções. Como o sujeito lógico das antinomias está em movimento circular, a solução é fazer a distinção entre tipos ou níveis de linguagem. É exatamente esta a solução proposta por Russel, por Tarski, por Blau, por todos os lógicos. Kesselring e Wandschneider também fazem esta distinção. Mas, embora façam a distinção entre níveis como os outros, eles dão ênfase à mistura de níveis, à sobreposição parcial, ao movimento de passagem de um nível para o outro.

Afinal, o que está certo? O que é racional? Distinguir níveis de linguagem ou misturá-los? Essa imbricação de níveis diferentes de linguagem existente nas antinomias, em minha opinião, pode e deve ser ulteriormente pesquisada para proveito tanto da Lógica como da Dialética. Mas não é só aí que se faz Dialética. Dialética é algo muito mais amplo e mais abrangente. A malha da Dialética não é tão estreita como pensam Kesselring e Wandschneider e é por isso que eles empacam tão cedo na reconstrução da Lógica de Hegel. As antinomias são apenas um caso particular de uma questão muito maior. A solução das antinomias é apenas um caso particular de uma solução muito maior: fazer as devidas distinções. Existe, sim, penso eu, algo de dialético nas antinomias. Mas não se pode restringir a Dialética à estrutura das antinomias lógicas.

O erro central, voltemos a dizer, de Kesselring e de Wandschneider é pensar que a oscilação perpétua entre verdade e falsidade, entre o sim e o não, é algo de racional. Uma tal situação é racionalmente insustentável e deve ser superada. Não

se pode morar em tal oscilação. Ela tem que ser superada. Essa superação ocorre realmente quando se faz a devida distinção entre níveis diferentes de linguagem. Os lógicos do século XX têm, a esse respeito, razão. Os filósofos que namoram a irracionalidade das antinomias e identificam a estrutura da Dialética com a estrutura das antinomias lógicas precisam ser alertados de que a oscilação que ocorre nas antinomias é racionalmente tão perversa quanto o *processus ad infinitum* dos autores clássicos. Dialética não é isso, Dialética surge exatamente quando se supera isso.